

Palavras chave: cultura, criança, infância, brinquedos, contextos

Introdução

Este trabalho surgiu a partir da experiência de vários anos atuando no processo de formação de professores, especialmente com os de educação infantil. Por muito tempo ele voltou-se para o estudo das diferentes linguagens da criança, de modo especial os jogos e as brincadeiras.

Contudo, a prática profissional nos motivou a estudar a origem de algumas atividades lúdicas e a maneira como eram realizadas em diversas civilizações durante a história da humanidade, de modo a contribuir com os docentes na reflexão de como tais práticas poderiam favorecer os processos de aprendizagem de suas crianças.

Foi um trabalho bastante árduo, mesmo porque nas civilizações antigas as crianças não tinham valor. Morriam muito cedo e as famílias não se preocupavam de investir nos seus rebentos, daí a dificuldade de realizar esta pesquisa.

O aprofundamento do estudo, no entanto, nos fez perceber que muitas brincadeiras trataram-se, de ritos religiosos e de iniciação, de atividades cênicas e de jogos de azar. Pareceu-nos, pelo menos a princípio, que qualquer que fosse a sua característica eram formas de ensinar e de aprender, de modo que os grupos pudessem preservar as suas culturas transmitindo-as para as gerações mais jovens e, também, garantir a sua sobrevivência.

Concomitantemente com a prática docente e os estudos realizados, tivemos a oportunidade visitar sítios arqueológicos¹ e museus em alguns países, com um olhar mais atento sobre os objetos que pudessem retratar a infância, de modo especial, os brinquedos das crianças. Nesse percurso, entre os estudos históricos e a ida a locais onde era possível verificar a sua existência, despertou nossa atenção o fato de que alguns objetos antigos,

¹ Foram visitados os sítios arqueológicos de Conímbriga, Sesosbriga, a casa de Hippolitus, cidade Romana de Complutum e as ruínas de Xula, de Tolula, de Cempoala, de Tulum, de Antigua além dos Museus do Louvre, do Prado, de Antropologia da Cidade do México, de Oaxaca, de São Petesburgo, e de Antropologia de Alcalá de Henares e de Leiden.

em países diferentes, se assemelhavam quanto à forma e ao material com o qual eram confeccionados, embora sua presença se notasse em espaços geográficos distintos e em momentos históricos diferentes.

Estudando um pouco mais os trabalhos de Corsaro (2011) sobre as inúmeras perspectivas teóricas interpretativas e construtivistas da Sociologia da Infância percebemos, também, que as atividades lúdicas foram e continuam sendo construções sociais e que tanto sua gênese quanto utilização surgiram em função das necessidades do contexto. Portanto, um giro pela história na perspectiva de estudar os brinquedos das crianças, não poderia se limitar apenas a dados e a fatos, mas tinha que incluir os contextos em que esses pequenos viviam, os objetos que utilizavam e as razões pelas quais os faziam.

Cambi (1999) apontou que, até há algumas décadas atrás, a reflexão e a experimentação pedagógica de diversos povos baseavam-se em aspectos teóricos e filosóficos, deixando de lado comportamentos e aprendizagens educativas. Entretanto, tais práticas eram importantes e só adquiriam sentido quando adotadas dentro de um contexto cultural, no qual se fizeram necessárias.

Sendo assim, tivemos um processo mais longo, que consistiu em adentrar pelo conceito de cultura, explorar suas diversas visões, entender as perspectivas teóricas que identificavam e definiam melhor as crianças dentro das diferentes civilizações, para entender com mais clareza as relações entre elas, os seus contextos e os seus brinquedos.

Embora o trabalho aparentasse ser simples, foi longo e bastante difícil, porque por morrerem muito cedo pouco se sabe sobre os pequenos. Os poucos objetos que retratam suas vidas foram encontrados em suas sepulturas ou nas de seus mestres, especialmente, daqueles que pertenciam às classes sociais mais altas. Portanto, quase nada se conhece sobre as crianças do povo. Além disso, é importante lembrar que a infância parece ter aparecido na história com a ascensão da burguesia entre os séculos XV e XVI.

Esta pesquisa não se trata, entretanto, de um estudo antropológico da infância, até mesmo porque nossa formação não vem dessa área, mas sim de uma tentativa de compreender melhor o uso dos objetos lúdicos dentro dos contextos históricos em que surgiram e qual a sua função para as crianças em uma perspectiva de aprendizagem.

Isso nos levou a uma primeira reflexão, isto é, o que teria levado povos tão distantes e diversos a criarem objetos similares para suas crianças?

Teriam havido infâncias? Quais as peculiaridades das vidas infantis?

Estariam, de fato, tais objetos relacionados com a aprendizagem da cultura?

Tais dúvidas permitiram o estabelecimento do nosso objetivo, até que ponto, particularmente, nas culturas antigas e na cultura olmeca os brinquedos foram usados para o processo de ensinar as crianças a viverem em seus contextos sociais, uma vez que apresentavam grande semelhança.

Em um primeiro momento, a partir da obra de Ariès procuramos investigar mais a existência das infâncias nas diferentes civilizações, presença esta que nunca deixou de existir informalmente, pois caso contrário a humanidade não se perpetuaria, mas ela nem sempre foi explicitada.

Tornava-se cada vez mais nítido que embora, entre os povos antigos do ocidente, as crianças mereceram tratamentos diferenciados, dependendo do contexto histórico, social e político em que viveram e cresceram tiveram objetos similares para brincar. Foi sobre eles que centramos a nossa investigação, buscando entender melhor os contextos culturais em que surgiram, como e por que foram utilizados.

Por nos chamarem mais atenção e por termos encontrado alguns exemplares em museus visitados e livros pesquisados, dada a sua similaridade da forma e do material utilizado, optamos por escolher objetos comuns entre as crianças egípcias, gregas e romanas e um povo pré-colombiano, o olmeca.

Para isso utilizamos como aporte teórico os conceitos de cultura com ênfase nos estudos de Bruner sobre ela e suas relações com a aprendizagem.

Metodologia

Embora como mencionamos anteriormente, não possuímos aprofundamento nos estudos de antropologia e história buscamos neles interfaces com a educação que pudessem sustentar nossa hipótese inicial de que tais objetos teriam sido utilizados para ensinar a cultura às crianças e facilitar suas aprendizagens.

Utilizamos como metodologia a pesquisa etnográfica, por duas razões, primeiro porque mantém relação estreita com aquelas ciências, e depois, porque ela permite a descrição

analítica de cenários ou grupos culturais, que é o caso deste trabalho também voltado para a educação.

Além disso... a etnografia é um processo, uma forma de estudar a vida humana. O desenho etnográfico requer estratégias de investigação que conduzam à reconstrução cultural. (COEPTZ e LECOMPTE:1988, p.28)

Salienta-se que este tipo de pesquisa permite observar influências implícitas ou explícitas das experiências pessoais e, no nosso caso específico, os estudos da aprendizagem infantil através dos brinquedos e de seus respectivos contextos históricos.

A pesquisa, portanto, pautou-se além dos materiais utilizados, na sua dimensão didática e lúdica, apresentando um caráter qualitativo por envolver, também, ainda que sumariamente, a descrição de três contextos.

Os brinquedos foram analisados através de fotos tiradas em museus e sítios arqueológicos bem como aquelas conseguidas por meio de imagens obtidas através da internet.

Embora segundo Bauer e Gaskell (2002), as imagens sejam polissêmicas, elas devem ser acompanhadas de algum tipo de texto e, como as fotos foram consideradas pelos autores como signos menos arbitrários, optamos por trabalhar com elas neste particular estudo.

Cultura e contexto: uma relação interessante

Ao adentrarmos pelo estudo dos brinquedos infantis percebemos a necessidade de entender melhor os contextos nos quais surgiram, o que nos levou a buscar alguns elementos que auxiliassem a clarear o conceito de cultura, de modo a estabelecer as possíveis relações entre eles e ela.

Em uma perspectiva etnográfica, o termo cultura, foi bastante difícil de definir, porque até o século XVIII, ela procurava estudar apenas os aspectos espirituais da sociedade, deixando de lado suas tradições, usos e costumes. A partir de então, o conceito evoluiu, apontando, também, para o resultado das ações e dos pensamentos humanos que dependem de um processo de aprendizado.

Embora o vocábulo cultura seja universal, de acordo com Brandão (2002) não há um conceito científico aceito por todos os que tentam decifrar o que seus processos e conteúdos querem significar e entender misteriosamente.

Sabe-se, hoje, que o ser humano é o resultado tanto do seu desenvolvimento biológico, quanto do meio cultural ao qual foi submetido. Logo, de acordo com Laraia (2001), não somos apenas produto de um conjunto biológico de elementos, mas somos herdeiros de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência das gerações que o antecederam.

Nesse sentido, concordamos com Kroeber (*apud* Laraia, 2001) ao mostrar que a cultura, mais do que uma herança genética é o que determina o comportamento humano, pois o homem age de acordo com os padrões da sociedade em que vive e é ela quem permite a adaptação. Logo, a humanidade passou a depender muito mais do seu aprendizado, dos seus relacionamentos e de sua capacidade artística e cultural, do que da hereditariedade. A acumulação de conhecimentos e de informações resultou de um processo de comunicação oral, onde a linguagem assumiu e assume um papel primordial e para a sua aquisição a aprendizagem é fundamental.

Ainda, de acordo com Laraia (2001), culturas são sistemas (padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem, acima de tudo, para adaptar comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos, incluindo as tecnologias, o agrupamento social, o modo de organização econômica e política, as crenças e as práticas religiosas.

Para Santos (2012), o desenvolvimento da humanidade ocorreu graças aos contatos e conflitos que caracterizaram os diferentes modos de organizar a vida social dos inúmeros povos. Por isso, a discussão sobre cultura envolve uma riqueza e multiplicidade de formas de existência.

A cultura não se transmite como os genes. O indivíduo se apropria de sua cultura no curso de sua vida... (CUCHE:2002, p. 88)

Nesse âmbito, a cultura inclui tanto semelhanças, quanto singularidades e diversidades dos contextos em que surgiu e se desenvolveu e as relações estabelecidas entre elas.

Os estudos de Bronfenbrenner (1996), também mostraram o valor do ambiente não apenas em relação ao conteúdo, mas, também, à estrutura, ressaltando que o importante para o comportamento e o desenvolvimento humano é a forma como o contexto é percebido. Portanto, a concepção teórica de ambiente inclui, também, sistemas funcionais, que podem ser modificados ou expandidos, mostrando que ele vai muito além da situação imediata que afeta a pessoa em desenvolvimento, mas envolve todos os

contextos dos quais ela participa direta ou indiretamente. Daí entender-se que existem conexões entre os ambientes mais próximos e os mais remotos aos quais os seres humanos vivem e todos eles afetam o seu crescimento psicológico.

Para o autor a ênfase não está nos processos psicológicos tradicionais, que incluem percepção, motivação, pensamento e aprendizagem, mas no conteúdo do que é percebido e adquirido como conhecimento. Seus trabalhos salientaram que é importante considerar que não se concebe o entorno como algo externo ao sujeito, mas como um sistema hierárquico e organizado de estruturas nas quais ele se encontra e cujas relações são necessárias para entender o seu desenvolvimento.

O fato de considerar o desenvolvimento humano sob tal perspectiva mostrou a importância de compreender as relações em diferentes níveis entre os sujeitos e os inúmeros sistemas dos quais fazem parte.

As perspectivas apresentadas nos mostram a complexidade do conceito de cultura, pois a ideia está ainda muito aliada ao entendimento da antropologia incluindo, de acordo com Cole e Wakai (1984) inúmeros aspectos, dentre eles:

_ aspectos físicos ou materiais que envolvem desde a arquitetura, máquinas e ferramentas, transportes e pontes, além de diversos tipos de veículos;

_ aspectos convencionais como festas anuais, rituais, costumes, cerimônias de iniciação;

_ aspectos relacionais tais como família, cuidado infantil, diversos tipos de organizações sociais como clubes esportivos, por exemplo, círculos de aprendizagem, associações acadêmicas;

_ aspectos de conduta, como hábitos, linguagem e oralidade, sentimentos e preferências, atividades motoras e de exploração.

Parece ser um conceito bastante abrangente, mas de acordo com, Marti (2005), essa caracterização descritiva corre o risco de considerar apenas um ponto de vista ontológico e estático, deixando de lado o processo de construção. Nesse sentido, complementa tal versão distinguindo mais alguns aspectos:

Cultura como conhecimento, valorizando o seu processo de acumulação e o seu compartilhamento pelos elementos do grupo;

Cultura como um conjunto de estruturas conceituais fundamentais que formam uma base para a representação compartilhada do mundo em que as pessoas vivem, colocando uma ênfase maior nas regras que tornam possível que as pessoas compartilhem significados.

Cultura como construção de estruturas conceituais que ressalta o caráter formativo e não a acumulação/ transmissão.

Para Cole (1992 *apud* Martí: 2005, p. 165), tanto a dimensão temporal como o caráter organizado do contexto² constituem elementos importantes na hora de oferecer uma perspectiva cultural do desenvolvimento humano. Ele mostra, ainda, como algumas particularidades de códigos humanos apresentam características muito diferentes do código genético embora estejam em interação continuamente. Assim, alguns artefatos existiram porque mediarão de forma exitosa as interações humanas tanto com seu entorno, quanto com outras pessoas no passado, cristalizando formas de adaptação bem sucedidas e isso é possível que tenha ocorrido também com os brinquedos.

Pode-se dizer que, para o autor, a contribuição mais efetiva do contexto cultural no desenvolvimento é o fato de que as pessoas, ao projetarem no futuro possíveis formas de adaptação para seus filhos, estão organizando as atividades deles no presente.

Nesse âmbito a aquisição da cultura se faz mediante o processo de aprendizagem.

Para Bruner (1973) ela tem importância enquanto forma de ampliação das capacidades cognitivas do ser humano o que ocorre graças ao uso de instrumentos, através de um processo de aprendizagem, que se sustenta através da representação, um conjunto de regras através das quais o homem estabelece um sistema de codificação.

Para o pesquisador ela se apresenta sob três modalidades: a representação enativa que se estrutura na ação; a icônica que ocorre através de imagens, desenhos ou outros objetos, e a simbólica que favorece a representação de situações que envolvem a remotividade e a arbitrariedade, permitindo inúmeras combinações que resultam na linguagem.

Sob tal perspectiva pode-se dizer que a cultura é o ingrediente fundamental do contexto de cada ser humano no seu processo de desenvolvimento. Isso demonstra que ele só pode

² Para Cole contexto constitui a fonte cultural na estruturação do comportamento que prove, restrições à conduta, necessidade de uma construção por parte do indivíduo e ferramentas a serem usadas nesse processo.

ser estudado nas relações que ocorrem através de um processo ativo, no qual cada pessoa se vê afetada por elas.

Para Bruner (2001) é a cultura que molda a mente dos indivíduos, sendo responsável pela determinação de significados, porque se baseia nos encontros dos sujeitos com o mundo em seus contextos. Isso garante a negociabilidade e a comunicabilidade, pois elas são a base do intercâmbio cultural. Portanto, existe uma relação de interdependência entre o saber e a comunicação, consequência da aquisição da cultura que oferece, também, ferramentas para que a nossa espécie se organize e entenda os mundos de modo a torná-los comunicáveis., o que só ocorre por devido a evolução da mente humana.

Para ele a aprendizagem e o pensamento estão situados em um contexto cultural e dependem da utilização de seus recursos. Portanto... “nada está isento da cultura”³, mas os indivíduos tampouco são simplesmente espelhos de sua cultura. É a interação entre eles que confere um toque comunal ao pensamento individual e impõe uma certa riqueza imprevisível na forma de vida de qualquer cultura, pensamento ou sentimento. (BRUNER:2001, p.24)

Logo a vida de qualquer pessoa depende da interação entre as versões do mundo instituídas pela cultura e as das suas próprias histórias individuais.

Diante de tal perspectiva pode-se pensar que os brinquedos refletiam as experiências das crianças e as relações estabelecidas entre elas e os grupos nos quais foram encontrados.

Portanto, compactuamos com a ideia de que a cultura deve levar em conta seus vários aspectos da vida humana, incluindo as relações mais próximas e as mais distantes de cada sujeito social. Além disso, percebemos que em todas as civilizações os mais velhos projetaram formas de adaptação de seus filhos à realidade tentando organizar suas atividades.

Por isso, concordamos com o estudioso ao afirmar que,

O contrário de qualquer outra espécie, os seres humanos deliberadamente ensinam uns aos outros em ambientes fora daqueles que o conhecimento que está sendo ensinado será utilizado. (BRUNER: 2001,p.29)

³ Grifos do autor

Tal perspectiva nos leva a inferir que os brinquedos e as brincadeiras infantis poderiam ser formas de adaptação das gerações jovens aos contextos culturais em que viveram. Logo é importante lembrar que, nesse processo, tiveram influência de acordo com o trabalho de Bronfenbrenner (1996), os ecossistemas, os mesosistemas e os macrosistemas e suas interpelações, pois a cultura só tem valor dentro do contexto social no qual se insere.

Ser o *sujeito da história* e ser o *agente criador da cultura* não são adjetivos qualificadores do homem. São o seu substantivo. Mas não são igualmente a sua *essência* e, sim, um momento do seu próprio *processo* dialético de humanização. (BRANDÃO, op. cit p.41)

Logo, nos diversos contextos em que o ser humano viveu durante o seu processo histórico, criou uma trajetória própria. Assim os brinquedos parecem ter surgido como forma de entreter e ensinar para as crianças a cultura dos adultos.

Crianças, brinquedos e culturas

Para analisar os objetos observados procuramos descrever de forma sucinta o contexto de vida onde foram encontrados.

Partindo do pressuposto que os brinquedos oferecidos às crianças sempre refletiram os contextos em que elas viveram, iniciamos o estudo pelas grandes civilizações antigas, elegendo para este estudo os egípcios, os gregos e os romanos e a civilização pré-colombiana dos olmecas pela semelhança dos objetos encontrados e pelo material com o qual foram confeccionados.

A viagem pela história nos remete, ao Egito uma das grandes civilizações pré-gregas, ligada, como disse Cambi (1999.), a uma dimensão hidráulica, por ter surgido às margens do Nilo o que permitiu um notável grau de desenvolvimento da agricultura, h uma forte divisão do trabalho e uma nítida distinção entre as classes sociais, que acabaram se tornando castas, dando corpo, a uma tradição de rituais, mitos, técnicas e saberes que forasam transmitidos de uma geração para outra.

Era uma sociedade patriarcal dedicada à agricultura, ao pastoreio e ao comércio, este último, organizado através do intercâmbio com, outros povos da época. A natureza era dominada e compreendida em seus mecanismos, havendo, ainda, a crença em que os governantes possuíam parentescos com os deuses, sendo os sacerdotes e, por vezes os faraós, seus guardiães e interpretes.

Devido à economia adotada pode-se dizer que: O treino nos processos de obtenção de alimento, de vestiário e de abrigo _ que são imposições de natureza direta e permanente para todo o indivíduo na sociedade primitiva_ constitui sua *educação prática*⁴ (MONROE :1978,p.1).

Isso mostra que a aprendizagem ocorria nas ações do cotidiano e nas funções realizadas diariamente por cada indivíduo dentro da sua classe social, de modo que a maior parte das crianças aprendia no contato direto com os adultos.

O sagrado, a religião e o templo estavam no centro da vida egípcia, por essa razão muitas delas foram enterradas com seus brinquedos, porque se pensava que continuariam a brincar no “Além”.

Por viverem às margens do Nilo, supõe-se que elas brincavam ao ar livre, que não deveriam ter muitos brinquedos, porém os poucos encontrados parecem retratar a vida da época. A maior parte deles foram confeccionados em argila, madeira e papiro, materiais presentes na natureza. Geralmente, representavam animais de estimação, alguns possuíam rodas nas patas (Figura 1), outros tinham a cabeça articulada (Figura 2).



Figura 1. Animal com rodas de argila fixadas em eixo de madeira. Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/133630313927144177/?autologin=true> > acesso em 02/06/2018

Figura 2. Animal com a cabeça articulada e olhos de vidro. Imagem disponível em www.google.com.br/search?hl=pt-BR&tbm=isch&q=brinquedos+egípcios+antigos&chips=q:brinquedos+egípcios+antigos,online_chips:bonecas&sa=X&ved=0ahUKE > Acesso em 02/06/2018



⁴ Grifos do autor.

Nas classes mais baixas, as crianças faziam seus próprios brinquedos e, conseqüentemente, suas bonecas que, por vezes, eram de pedra. No entanto, delas foram encontrados exemplares em madeira como os que estão na figura abaixo (Figura 3), que possuem desenhos geométricos, de onde se deduz que foram confeccionadas por adultos. Haviam, também, bonecas de marfim, papiro e ouro.

Figura 3. Bonecas egípcias feitas em madeira. Imagens disponíveis em <https://www.fascinioegito.sh06.com/jogos.htm> > acesso em 23/06/2018



De argila também eram as bolas que continham, algumas vezes, pedras dentro para encantar os pequenos além de embarcações e utensílios domésticos que podem ter sido utilizados pelas crianças em suas brincadeiras como se pode observar na Figura 4.



Figura 4. Embarcação, pequenas ânforas e atividade de olaria.

Foto/ Acervo da autora- Museu de Antropologia de Leiden (Holanda)

Contudo, sabe-se que as bonecas também tinham finalidades religiosas. Muitas foram encontradas nos túmulos dos faraós, para supõe-se poupar a vida dos seus auxiliares que deveriam ser enterrados junto com eles.

Brinquedos similares aos egípcios, quanto à forma e ao material, também foram encontrados na Grécia e em Roma. Muitos ligados à representação do trabalho manual. A formação do homem ocorria através do contato direto com a cultura.

A Grécia, por exemplo, formada por reinos independentes, as famosas *poleis*⁵ que se organizavam em um território, mas abriam-se para o exterior em relação ao comércio, à imigração e à colonização. Ora possuíam regime monárquico, ora oligárquico, algumas vezes, democrático outras, autoritário.

Algumas de cidades-Estado assumiram características interessantes que as tornaram singulares no decurso da história, porque as relações entre os homens apresentaram uma nova forma, pois a palavra se tornou um instrumento político, contribuindo através da argumentação para o estabelecimento de uma democracia.

A *polis* também era uma comunidade espiritual com leis e ritos que formavam a consciência dos cidadãos, determinando comportamentos por meio de normas que fixavam ações e proibições. Os deuses protegiam e inspiravam a vida da comunidade e eram exaltados em festas urbanas pelos sacerdotes. Aqueles se assemelhavam aos homens e suas histórias ou mitos, explicando a complexidade do mundo.

Eram comuns os jogos agonísticos⁶ ou ginásticos e a atividade teatral ambos ligados às festividades religiosas. Eles também se constituíam em formas educacionais, pelo caráter desafiador, pela necessidade do uso da inteligência, da comunicação e da imaginação.

Em Atenas, por exemplo, o teatro foi um lugar da representação de contradições, onde a comunidade se educava a si própria, com o drama ou com a comédia. A família tinha características patriarcais e nela a mulher reinava como esposa e mãe e uma função subalterna dedicada aos trabalhos domésticos e à criação dos filhos. Eram poucas suas funções públicas, geralmente relacionadas aos funerais ou à partida e ao regresso dos guerreiros.

⁵ Poleis é plural de polis que significava cidade.

⁶ Jogos agonísticos eram jogos competitivos.

As crianças viviam a primeira infância na família assistidas pelas mulheres e submetidas à autoridade paterna, que poderia reconhecê-las ou abandoná-las. No entanto, não tinham valor porque, era alto o índice de mortalidade infantil e a infância era um período de passagem. Daí a dificuldade em encontrar objetos que a retratassem.

Entre os gregos foram encontradas as bonecas (Figura 5) e as bolas, consideradas brinquedos universais. Quanto à última há representações em ânforas, onde Zeus joga com sua aia. Também se faz menção à ela na obra de Homero, Odisséia, quando Ulisses chega à ilha de Ítaca e encontra Nausica jogando com suas damas.

Em relação às bonecas sabe-se que as meninas gregas as ofereciam à deusa Afrodite, invocando sucesso e fertilidade no casamento. A doação de brinquedos era um rito de passagem da infância para a adolescência.



Figura 5. Bonecas, bolas e animais gregos feitos de barro.

Disponível em
<<https://br.pinterest.com/pin/512566001325335617/?lp=true>> acesso em 02/06/2018

Dada a prática comum de atividades teatrais, como vimos anteriormente, os gregos também possuíam bonecas similares às marionetes articuladas que encontramos hoje como se observa na Figura 6.

Figura 6. Marionetes gregas, em barro, articuladas. Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/512566001325335617/?lp=true> acesso em 02/06/2018



Brinquedos similares foram encontrados entre os romanos, uma vez que depois de conquistarem a Grécia assimilaram dela muitos costumes, especialmente, sua arte, ciência e filosofia. Assim, tanto a vida quanto a cultura romanas transformaram-se radicalmente após a conquista grega.

Tais como as duas civilizações anteriores, as meninas romanas também possuíam bonecas feitas com materiais naturais, pedra, madeira, argila e marfim. Algumas delas, também, à semelhança das anteriores eram articuladas como se observa na Figura 7.

Nesse império, à semelhança dos gregos, adotava-se a mesma prática de doação dos brinquedos pelas meninas.

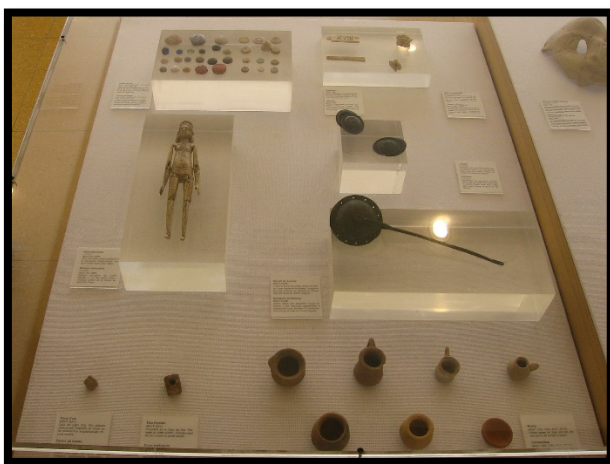


Figura 7. Boneca de marfim que se encontra exposta no Museu de Tarragona (Espanha), junto com utensílios domésticos em miniatura.

Foto/ Acervo da autora

Os romanos também tinham animais de brinquedo, geralmente em madeira ou argila Figura 8, bem como meios de transporte, no caso das bigas, como se observa na Figura 9.



Figura 8. Cavalo romano em madeira. Disponível em

<https://br.pinterest.com/pin/7951736821007625/?lp=true> acesso em 02/06/2018.

Figura 9. Biga em madeira. Disponível em

<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw=1323&bih=615&tbm=isch&sa=1&ei=-NoiW5bWG4i>wASNlb7YDQ&q=brinquedos+romanos+antigos+que+simbolizam+conaula> Acesso em 14/06/2018



Também possuíam espetáculos teatrais para os quais usavam bonecos de argila, Figura 10, com uma abertura n nas costas, para permitir a entrada de um dedo durante o processo de manipulação.



Figura 10. Bonecas romanas utilizadas nas representações teatrais, algumas das quais possuíam uma abertura na parte traseira, que permitia a colocação dos dedos. Foto acervo da autora. Museu de Antropologia de Leiden (Holanda).

Foi possível observar, a partir das figuras apresentadas a similaridade dos brinquedos especialmente as bonecas, as cuias e os animais, quer no que tange à forma de representação, quer no que se refere à matéria prima de confecção.

Isso poderia se justificar pelo fato de existir contato e até mesmo domínio entre egípcios, gregos e romanos.

O mais interessante, porém, é notar que entre os olmecas⁷ distanciados espacial e temporalmente dos povos anteriormente citados, tais objetos surgiram de maneira muito similar.

Sua economia tinha era baseada na agricultura e trabalhavam muito bem a pedra e o barro, razão pela qual uma de suas maiores características foi a confecção de enormes cabeças de pedra (monolitos)⁸ e pelo trabalho em jade e cerâmica, uma vez que o clima da região não permitiu a conservação de tecidos, peças em couro ou objetos de madeira de modo a chegarem até nós.

Caracterizavam-se por comprimir a cabeça dos pequenos com a ajuda de uma plaqueta e faixas, deformando-as quando ainda recém nascidos, como a figura articulada que mostra a deformação craniana, observada na Figura 11.



Figura 11. Representação de uma figura feminina, criança, articulada com a cabeça deformada.

Foto: acervo da autora. Museu de Antropologia de Xalapa (México)

Também se pode observar na Figura 12 figuras, provavelmente de crianças em um balanço com um protetor, chapéu, na cabeça. Todos os objetos foram feitos em argila, mesmo material utilizado entre os povos anteriores.

O uso da argila poderia se justificar pelo fato de que os olmecas não utilizarem metais em seus utensílios cotidianos. No entanto, fica uma questão, a similaridade na representação dos objetos com articulação. O que teria determinado esse detalhe?

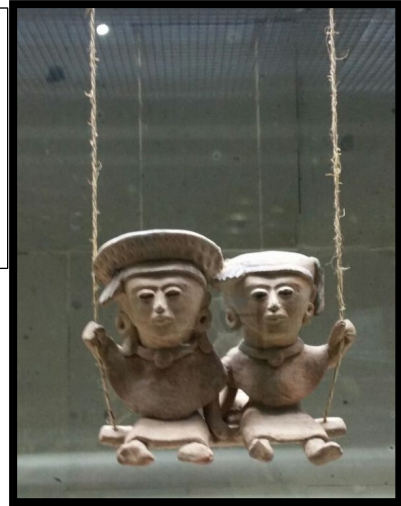
⁷ Olmecha era o nome atribuído a inúmeros grupos que habitaram a América Central na região do Golfo do México, nas proximidades da atual cidade de Vera Cruz.

⁸ Encontraram-se oito cabeças de pedra, das quais sete estão no Museu de Antropologia Xalapa e uma no Museu de Antropologia da cidade do México.

Figura 12. Crianças em um balanço de corda

Foto / Acervo da autora

Museu de Antropologia de Xalapa
(México)



Outra aproximação interessante que se pode estabelecer entre eles e as civilizações ocidentais da antiguidade, é o fato do uso de máscaras em argila como é o caso das carinhas sorridentes presentes na Figura 13.



Figura 13. Carinhas sorridentes

Foto/ Acervo da autora

Museu de Antropologia de Oaxapa
(México)

Provavelmente faziam uso de representações teatrais como ritos religiosos, no qual as crianças deveriam participar, até mesmo porque, muitas vezes elas eram oferecidas aos deuses. Possuíam uma concepção singular do universo, que mesclava os calendários, a visão de mundo, com a religião.

Pouco se sabe sobre a organização familiar ou os cuidados destinados às crianças. No entanto algumas peças de argila deixadas nos levam a inferir que deveriam ter pertencido às crianças a peça de um cão com rodas (Figura 14) entre outros animais, de forma similar à descrita e apresentada nas civilizações tratadas anteriormente.

Figura 14. Cão com rodas em argila
Foto extraída da Revista Arqueologia
Mexicana/ Edição Especial. Nº 22



Considerações finais

A investigação mostrou que embora as distâncias entre os povos eram grandes os objetos feitos para as crianças eram muito similares, apontando que do ponto de vista de cada uma das sociedades, como as demandas cotidianas afetam o sistema cultural de cada grupo e aqueles que devem operar dentro dele, conseqüentemente, os pequenos. Apontou, também, para o fato que existe dentro de cada sociedade um sistema de valores distintos, direitos, trocas, obrigações e oportunidades de poder que afetam todos os membros e que devem ser aprendidas pelas crianças.

De acordo com Bruner (2001) a educação está situada dentro da cultura e como ela reflete a distribuição do poder, o status e outros benefícios pertinentes aos seus cidadãos o que influencia a maneira como os conhecimentos são transmitidos às crianças.

Isso nos leva a inferir que o mesmo ocorre até com os objetos oferecidos à elas como os materiais utilizados na sua elaboração.

Ainda de acordo com o estudioso a mente não poderia existir se não fosse a cultura, pois a sua evolução está ligada à uma realidade representada de forma simbólica e compartilhada pelos membros de uma determinada comunidade, na qual a vida é organizada. Donde se depreende que as crianças tiveram suas aprendizagens através de objetos simbólicos, os brinquedos de modo a garantir o modo de vida de seus grupos e transmití-los a outras gerações permitindo a evolução da mente.

Porém, a cultura da infância não é simplesmente espelho da cultura adulta, porque sua expressão individual é parte da produção de significados em diferentes contextos, dependendo inclusive, de ocasiões especiais. Logo, saber e comunicar são extremamente interdependentes e se constituem nas bases do intercâmbio cultural e as ferramentas, no

caso específico os brinquedos seriam utilizados para que as crianças entendessem seus mundos.

Nesse âmbito a aprendizagem e o pensamento estão situados em um contexto cultural, como os objetos mostrados neste estudo e dependem da utilização de recursos naturais e culturais. Daí a importância de a criança poder representar simbolicamente a experiência nas civilizações em que viveu, de modo a internalizá-la e transformá-la.

Com base nos estudos realizados pelo autor, o ato de aprendizagem deverá servir-nos para o presente e valer-nos para o futuro, de modo que possa haver sua aplicação específica às tarefas similares e isso parece ter sido o propósito da utilização dos brinquedos nas civilizações estudadas.

É importante salientar, ainda, que a vida das crianças sempre foi vista pelos adultos, a partir de um ideal de ajustamento, assim seus brinquedos foram construídos obedecendo as regras de cada contexto.

Referências bibliográficas

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. (2002). Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: *um manual prático*. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (2002). A educação como cultura. Campinas: Mercado de Letras.

BRONFENBRENNER, Urie. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas.

BRUNER, Jerome (2001). A cultura da educação. Porto Alegre: Artmed.

BRUNER, Jerome. (1973). Beyond information given. London, George Allen & Unwin Ltd.

CAMBI, Franco. (1999). História da Pedagogia. São Paulo: UNESP.

CORSARO, William. A. (2011) Sociologia da Infância. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed.

CUCHE, Denys. (2002) A noção da Cultura nas Ciências Sociais. 2ª. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

GOETZ, J.P. e LECOMPTE, M. D.. (1988) Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa. Buenos Aires: Morata.

LADRÓN DE GUEVARA, Sara. (S/d) Museo de Antropología de Xalapa. Edición Especial. In: Arqueología Mexicana N°22.

LARAIA, Roque de B. (2001) Cultura: um conceito antropológico. 14ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar.

MARTÍ, Eduardo (2005). Desarrollo, cultura y educación.1ª. ed. Buenos Aires: Amorrortu.

MONROE, Paul. (1978). História da Educação.13ª.ed. São Paulo: Nacional.

SANTOS, José Luiz dos. (2012) O que é cultura.21ª. reim. São Paulo: Brasiliense.